

VIDAS E HISTÓRIAS: DE COMO SE FAZ TESSITURAS DE FORMAÇÃO...

Maria Thereza Didier de Moraes

Uso a palavra para compor meus silêncios. Não gosto das palavras fatigadas de informar.(...) Dou respeito às coisas desimportantes e aos seres desimportantes. Manoel de Barros

Na contemporaneidade há um novo espaço construído para as biografias, autobiografias, memórias, diários íntimos, correspondências, testemunhos e histórias de vida junto com um enorme volume de registros como entrevistas, conversações, blogs, talk show, reality show. Esses acontecimentos multimidiáticos dos novos tempos registram de forma inusitada o exercício das narrativas de si. Essa ênfase biográfica e excessos de visibilidades da cultura contemporânea podem ser vistos como uma tentativa de compensar a uniformidade e isolamento da vida atual e marcar uma subjetividade cambiante (ARFUCH, 2009, p. 120). Mesmo ante o perigo da voracidade das novidades, celebridades e notícias, haveria possibilidade de uma história humana concebida a partir da pluralidade habitada por singularidades? Ao mesmo tempo em que há uma infinidade de narrativas singulares, existem poucos espaços para suspendermos *o automatismo da ação*. Temos habitado pouco o silêncio e colonizado os nossos desejos, nossos tempos, nossos afetos. Como nós convivemos com os nossos silêncios e nossos tempos?

Na configuração dessas novas racionalidades se delinea também um movimento biográfico registrado em outras maneiras de pesquisar. Para alguns autores, nos percursos de pesquisa existem cada vez mais as referências aos relatos de vida indicando novas abordagens de saberes-poderes sobre a vida (PINEAU, 2006). Haveria uma mudança paradigmática na qual o conhecimento pode ser relacionado a uma

subjetividade explícita onde se valoriza a reflexão de vivências singulares (JOSSO, 2006).

Diante dessas inquietações temos a aproximação com as narrativas de alguns professores universitários. O desejo da pesquisa surgiu da experiência da escuta. Muitas lamentações de professores e um foco intenso, como modo de sobrevivência nos espaços acadêmicos, em não desperdiçar o tempo em encontros *desimportantes*, me fizeram pensar se isso seria tão fatídico e qual a relação disso com um novo modo de existência, de pensamento e de escrituras de vida. Para Alfredo Veiga-Neto, no nosso mundo acadêmico,

nossos currículos garantem nossas posições e promoções, abrem ou fecham portas de acesso. Além disso, eles propagam seus efeitos entre aqueles que nos cercam. Como, então, não nos deixarmos mais e mais atrelados aos nossos currículos, mais e mais pautados por eles? Como não recorrermos continuamente a eles para sabermos quem somos, onde estamos e (...) o que estamos fazendo de nós mesmos? (VEIGA-NETO, 2009, p.19).

Atenta a algumas dessas formas de narrativas de si, registradas nos currículos dos professores universitários, e desconfiada com o esquadrinhamento gerado por essa forma de se dizer pessoa/professor/pesquisador, tentei escutar outras maneiras de registrar o que estamos fazendo de nós mesmos. A escuta como percurso de tentar entender as linhas de sombra que temos construído e que agora até parecem que não se pode ver. O desejo da investigação partiu também de uma vontade de não se deixar seduzir pelo pessimismo amargo e fazer valer um pensamento que seja aberto à plasticidade do eu que se elabora nas narrativas de si e do outro (DUQUE-ESTRADA, 2009). Dessa forma, a intenção é captar como as narrativas se entrecruzam em aspectos que dizem respeito às experiências de professores nas duas últimas décadas e como estas formas de narrar acabam por provocar a exposição de inquietações em relação aos modos de ser professor, aos alunos e às atividades que se estabelecem no cotidiano. De maneiras diferentes, observamos que as inquietações assinalam uma certa ruptura com jeitos de pensar e um desejo dos professores de falarem sobre isso. A disponibilidade deles e a vontade, inclusive, de ter mais encontros foram indícios interessantes pra quem já sabe das múltiplas demandas do cenário acadêmico. Assim, foi observado que muitas

dessas inquietações fazem relevo às experiências de deslocamento que o novo cenário contemporâneo exige.

A relação entre mundo e palavra, entre valores que ressoam nas formas de se fazer professor, é observado assim:

“Nós estamos vivendo uma crise profunda em termos de valores. É... quando eu fui educado era claro para os educadores, pelo menos a gente tinha essa impressão que era claro para os educadores, e para os meus pais, que determinadas coisas tinham que ser segundo o que eles pensavam. (...) A gente não tinha essa crise de valores que nós estamos vivendo hoje em dia. É... eu acho que nós temos isso dentro da área da educação, isso está fortemente presente é... em relação aos nossos alunos, em relação ao nosso curso. É... confusão um pouco de papéis entre o que é professor, o que é aluno.”¹.

Assim, surgiu a vontade de investigar como alguns professores estão elaborando suas experiências nas tramas do nosso tempo, do tempo que muitas vezes é colocado como elemento externo a nossa vida ou como justificativa para o que estamos fazendo com a nossa existência. O sentimento tem referências nas mudanças das duas últimas décadas quando em uma outra narrativa aparece a observação de que “a relação entre os alunos aqui era uma relação muito mais duradoura, muito mais sólida, muito mais permanente. (...) A presença deles aqui dentro (da Universidade) era muito mais forte. Hoje eles passam, vão embora”². Para esse professor os alunos estão mais interessados em ter o diploma, ter o título para fazer concurso disso e daquilo sempre em uma velocidade que cria outras formas de se relacionar e outras práticas de leitura. Por isso, afirma que atualmente se lê muito menos, se lê superficialmente e com muito menos atenção “perdemos muito a atenção da leitura, o tempo que se dedicava a leitura. É isso aí. Mas como eu já estou terminando, eu deixo pra que os outros agora assumam”³.

Essas novas práticas de leitura não estão reduzidas a própria vida dos alunos. Há de se observar que existem estilos de vida se elaborando em torno de uma vivência de

¹ Professor 3

² Professor 2

³ Professor 2

tempo. Um outro professor sinaliza uma certa impaciência com suas atividades de orientação de trabalhos dentro da universidade e diz:

Você tem que... é maçante você conversar com uma mesma pessoa dez vezes sobre um assunto. Aí isso te rouba um tempo, te rouba o tempo de você ficar lendo algo que é importante pra tua pesquisa e você poder, por exemplo, fazer uma leitura de um romance. Eu geralmente, eu fico sempre lendo um romance ao longo do ano, assim... vou selecionando. Mas assim, o tempo é... umas vezes você lê por uma hora, uma hora e meia ou você vai ler meia hora pra manter a chama acesa, porque se não você renuncia completamente”⁴ .

Aqui há um leitor quase clandestino porque sempre há muito o que fazer e sobra pouco tempo para desperdiçar com leituras que não estão dentro do foco, das metas, dos programas. Ao mesmo tempo essas formas de narrativas indicam projetos de vida diferentes que justificam a ideia de que para se ter uma inserção diferenciada é preciso ocupar alguns espaços e deixar visíveis as marcas de seus passos, de sua produção acadêmica para se obter respeito e reputação como pesquisador. Dessa maneira, em uma das narrativas aparece:

Então assim, alguns colegas, como eu... eu fiz a opção pra entrar na pós-graduação. Isso não aumenta em nada o meu salário, mas aumenta a carga de trabalho. Mas a pós dá uma inserção pra quem tá dentro do campo acadêmico, em todas as áreas ela dá uma inserção diferenciada. Você se torna um professor da pós, você se torna pesquisador da pós-graduação e isso tem uma representação diferente. Você mesmo dentro desse espaço e as pessoas em relação a isso. Mas assim, eu entendo isso como uma opção. Então eu fiz essa opção. E acho... gosto muito, me identifico muito com esse processo. É... bom, isso implica que ela vai te tirar muito do teu tempo”⁵ .

⁴ Professor 3

⁵ Professor 3

A posição diante das configurações de nossos espaços acadêmicos aparece em outras narrativas marcando o incomodo de alguns com os rumos da vida universitária. Uma das narrativas assinala que:

Uma nova ideologia da produtividade acadêmica invadiu de forma, a meu ver, muito desagradável. Uma ideologia cartesiana da produtividade, de um determinado conceito de produtividade que mistura produtividade com irrelevância social. Grande quantidade de produtos acadêmicos, produtos realmente no pior sentido fabril da palavra e de produtos acadêmicos absolutamente irrelevantes socialmente. Quer dizer, o que eu me deparo hoje aqui... Eu acho que na minha época, até a minha época e talvez um pouco depois e outras pessoas talvez, com mais idade do que eu, havia uma preocupação muito grande em conhecer os autores, em guardar um certo nível de erudição dentro da sua área, de escrever bem, de expressar-se bem, com clareza, com precisão, com estruturas linguísticas bem elaboradas. E hoje o que eu vejo são pessoas que escrevem mal porque pensam mal, elaboram mal porque vivem mal. Quer dizer, não transformam... incapazes muitas vezes de transformar as experiências vividas em experiências refletidas. Pelo pouco tempo, pela premência”⁶.

Será que entre trôpego e ofegante o professor caminha para um modo de vida que não permite a invenção?

É deste modo que tento desnaturalizar as nossas formas de existência provocando um estranhamento. Estamos vivendo um deslocamento de foco de interesse, de formas de pensar e de sentir, mas quais espaços estamos criando para conhecermos as linhas de sombra que nos constituem? Talvez devêssemos ficar atentos a observação de Larrosa de que é preciso afinar a escuta e criar pontes entre vários tempos, entre várias experiências, entre várias leituras... Dessa maneira, pretendemos pensar a educação não como uma prática que garanta uma conservação do passado ou fabricação do futuro (que continua preso na linearidade do tempo), mas uma perspectiva de criação

⁶ Professor2

da diferença e por isso da possibilidade do porvir. Algo que não está prescrito, mas que pode se inscrever e pensar o acontecimento não como determinação, mas como abertura para o possível.

Então, podemos pensar numa educação diferente ou da diferença. Como diz Perez é possível pensarmos a educação que se articula em heterotopias “elementos estranhos, presentes no instituído que, ao emergir, modificam sua substância, sua forma, sua materialidade. As heterotopias são atravessamentos que operam no espaço instituído”(2009, p.169). Dessa maneira, é possível uma nova forma de imaginar a educação como um exercício de buscar o singular/ o devir inventando outras formas de ver o mundo. Nesse sentido, podemos tomar como referência o aprender não como o apreender, o que suporia pensar na educação não apenas como transmissão, mas como o inventar, o produzir (que não está relacionado a produtividade). E o inventar não é cair em devaneios espontâneos. O inventar exige esforço, repetição, diferença, criação. Virginia Kastrup em sua leitura de Deleuze diz que a

aprendizagem não é entendida como passagem de um não saber ao saber, não fornece apenas as condições empíricas do saber, não é uma transição ou uma preparação que desaparece com uma solução de resultados. A aprendizagem é sobretudo invenção de problemas, é experiência de problematização. [...] Na atividade de problematização há um estranhamento e tensão entre o saber anterior e a experiência presente (KASTRUP, 2001, p. 207).

De forma que a sensibilidade, memória e imaginação atuam de maneira a possibilitar o diferente. Segundo Kastrup “é aí que a arte surge como uma perspectiva, como um ponto de vista (...)” um ponto de vista da diferença, da invenção “e o que torna os signos da arte privilegiados em relação aos demais é a maior potência da diferença que portam. O amarelo dos girassóis de Van Gogh é um amarelo inquietante que nos faz ver o nosso mundo diferente” (KASTRUP; 2001, p.213). Se podemos ver o aprender de forma diferente, podemos pensar em educação, de maneira que se possa criar outras narrativas sobre o mundo e sobre nós mesmos.

Outras palavras

Aqui não intencionamos, por meio das narrativas dos professores, recompor um passado já vivido ou desvelar uma história por trás de outras histórias, mas procurar, em meio as incertezas e mudanças do mundo contemporâneo, escrituras possíveis de suas histórias no presente (DELORY-MOMBERGER, 2009) . Se nos tornamos humanos a partir das narrativas que construímos podemos pensar na plasticidade do eu e lembrar-se de Larrosa quando diz que

pensar não é somente ‘raciocinar’ ou ‘calcular’ ou ‘argumentar’, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E portanto, tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos” (2002, p. 21).

Tem a ver com as palavras o modo de estarmos no mundo. Por isso penso na educação como contribuição, mas contribuir não é dar algo, contribuir talvez seja fazer pensar e construir outras possíveis narrativas. Compreender como nos constituímos não é instrumentalizar o cuidado que temos conosco numa conduta de contenção para apaziguar o outro de nós mesmos. Pelo contrário, seria um dos possíveis caminhos de inventar outros modos de existência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. O espaço biográfico na (re)configuração da subjetividade contemporânea. In GALLE, Helmut et alii(orgs). São Paulo: Annablume: FAPESP, 2009.

BARROS, Manoel. Memórias Inventadas. A infância. São Paulo. Planeta, 2003.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Filiações e rupturas do modelo autobiográfico na pós-modernidade. IN GALLE, Helmut (org.). Em primeira pessoa: abordagens de uma teoria da autobiografia. São Paulo: Annablume: FAPESP, FFLCH, USP, 2009.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si. Rio de Janeiro: NAU/ Editora PUC-Rio de Janeiro, 2009.

JOSSO, Marie-Christine. As histórias de vida como territórios simbólicos nos quais se exploram e se descobrem formas e sentidos múltiplos de uma existencialidade evolutiva

singular-plural. In Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si. SOUZA, Elizeu et alii (orgs). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

LARROSA, Jorge. Pedagogia profana.: dança, piruetas e mascaradas. Porto Alegre: Contabando, 1998.

_____ Dar a palavra. Notas para uma dialógica da transmissão. In LARROSA, Jorge, SKLIAR, Carlos (orgs). Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____ Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação. São Paulo, número 19, pp. 20-28, 2002.

PEREZ, In VEIGA-NETO, Alfredo, GALLO, Silvio (orgs.). Fundamentalismo e educação. Belo Horizonte; Autêntica Editora, 2009.

PINEAU, Gastón. As histórias de vida como artes formadoras da existência IN Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si. SOUZA, Elizeu et alii (orgs). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

TAYLOR, Charles. As fontes do self: a construção da identidade moderna. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

KASTRUP, Virginia. Aprendizagem, arte e invenção. IN LINS, Daniel. Nietzsche e Deleuze: pensamento nômade. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fortaleza, Secretaria da Cultura e Desporto do Estado, 2001.

_____ Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre. *Educação e Sociedade*, v.26, n. 93, set./dez. 2005.

VEIGA-NETO, Alfredo. O currículo e seus três adversários: os funcionários da verdade, os técnicos do desejo, o fascismo. In RAGO, Margareth, VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.) Para uma vida não facista. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.